



**A ÍNTIMA AMIZADE COM CRISTO**



**Introdução**

Originalmente, o homem foi criado no Paraíso. Havia um propósito de Deus antes de ele ser quebrado pelo pecado original. O homem foi criado em estado de amizade com Deus, consigo próprio e com o restante da criação. Foi criado também num estado de santidade e justiça original, e foi ele mesmo, não Deus, quem pôs fim a esse estado. Refazer aliança de amizade com Deus faz parte do processo de retorno ao estado original do homem, sendo, portanto, uma forma de santificar a alma humana e sua relação com o Divino.

Por amor e temor a Deus, deixamo-nos conformar e configurar por Cristo e a Cristo, pela ação do Espírito Santo, a fim de podermos nos aproximar de Deus. Para cada vez mais nos acercarmos e saborearmos desta intimidade com Deus, devemos estreitar nossos laços com Cristo. E a amizade começa pelo conhecimento mútuo, fortalece-se pela convivência diária, intensifica-se pela confiança e respeito irrestritos, acompanhado por um amor que cresce a cada dia, que faz com que só desejemos o que for para o maior Bem do amigo e que suas maiores aspirações se realizem.

E qual seria o maior desejo de nosso Amigo Jesus? Será que seu maior desejo também é o nosso? O maior desejo do Cristo é atrair todas as almas ao Pai, que todas se salvem e possam glorificar o Criador por meio de suas vidas e obras. É este o nosso maior desejo para conosco e nossos irmãos? Ou seja, mais do que estar em perfeita consonância com o que pensa (entendimento), devemos estar em harmonia com o desejo mais profundo (vontade) do amigo, que se expressa por meio do sentimento e das obras realizadas. Estar em conformidade com Sua Vontade é agradar a Deus através do cumprimento de Sua Lei e por meio da obra de Caridade. Esta é a Boa Vontade perfeitíssima que agrada ao Pai. É isso que constitui sermos membros do Corpo Místico de Cristo. Quanto mais próximos estamos de Seu Coração, mais somos seus amigos e melhor cumprimos Sua Vontade. Assim, não serei mais eu que vivo, mas Cristo que vive em mim. E como não há vida sem coração, também não há verdadeira vida em amizade com Deus, sem termos Cristo como o Coração de todo o nosso pensar, sentir, falar e agir.

É impossível se configurar a Cristo, sem abraçar a Sua Cruz e deixar-se chagar. Tais chagas permitem que o Fogo Divino, por Sua Divina Misericórdia, faça gradativa morada em nosso

interior, completando e nos auxiliando em nossa obra de purificação dos corpos e, posteriormente, da alma, ou seja, justificando-nos. É, então, em última instância, pela Misericórdia Divina que a Justiça se faz em nós. Somos justificados por Seu Amor perfeitíssimo. Por isso, antes de sermos chamados servos, somos chamados de amigos. Somente após sermos verdadeiramente amigos de Cristo, e de O termos como nosso Amigo de todas as horas, é que podemos de fato servir a Deus, isto é, operarmos como instrumentos de Sua Caridade no mundo, fazendo a Sua Vontade. Este estado é conformar-se ou submeter docilmente nossa vontade à Vontade do Pai, através de Cristo, com a Graça do Espírito Santo.

Neste estado, o homem compreende o que significa a seguinte passagem das Escrituras: "Quem poderá separar-nos do amor de Cristo? Certamente nem as tribulações, nem as tristezas, nem a fome, nem a nudez, nem as angústias, nem a espada, nem o fogo".

E do Seu augusto Coração emanam a Água, que nos purifica e nos faz morrer para o pecado, ajudando-nos a remover as manchas que impedem a Luz Divina de brilhar e se expandir em nosso ser, bem como Seu sacratíssimo Sangue, que restitui nossos atributos originais e nos prepara para a reunião ou comunhão consciente com o Divino.

O que nos impede atingir este estado de amizade com o Cristo de forma prática? Vislumbramos o caminho, sabemos que Ele é a nossa Salvação, mas nos inclinamos com precipitação sobre nós mesmos. O amor-próprio é a nossa perdição. Centralizamos nossas vidas em torno de nós mesmos, e passamos a tomar como critério dos nossos atos o que nos agrada ou o que pode nos gerar algum lucro. Dois amores construíram duas cidades: o amor de si, levado até o desprezo de Deus, a cidade terrena; o amor a Deus, levado até o desprezo de si, a cidade celeste.

Somos eternamente filhos revoltosos que abandonamos a casa paterna e buscamos as alegrias do mundo. E temos vergonha de dizer a todos: sou filho, esta casa de ouro me pertence, sou herdeiro de Deus e coerdeiro de Cristo. Não, não posso ficar mendigando sobras de comida, se o banquete foi preparado para mim. Voltarei à casa de meu Pai, e lhe direi: Pai, pequei contra os céus e contra Ti.

Se não for para construir a cidade de Deus, a cidade do amor, sua Igreja Santa e Imaculada, sua Missa, que é a maior dádiva que Ele podia nos dar, então não vale a pena, não nos aproveita de nada. Nem o grande saber metafísico, nem a genialidade técnica, nem os astros do céu, nem a salvação dos planetas ou das tartarugas, muito menos alguns momentos de prazer fugitivo.

Coração contrito: de joelhos, prostrados diante da Majestade divina, devemos contemplar nossa miséria e o abismo que nos separa do Criador. Cientes e profundamente tocados por nossa indignidade, podemos perceber o quanto somos nada, enquanto Deus é tudo e que Seu irresistível Amor jorra abundantemente como seiva por toda Sua Criação e nos atrai em Sua irradiação infinita. Neste estado, podemos adorá-Lo em espírito e em verdade. *Venite, adoremus.*

Meditação profunda: contemplemos a presença de Jesus em nossas vidas. Ela não é fictícia. Pelo Batismo, nós nos tornamos templo da Santíssima Trindade. Não façamos de nossas vidas um terremoto constante que derruba o templo e destrói o Deus que vive em nós, erigindo em seu lugar uma casa da perdição onde habitam o egoísmo, a idolatria e o desamor.

Silêncio: precisamos cultivar o silêncio interior e, se possível, exterior também. Uma criancinha, o novo homem que está sendo regenerado em nós, dorme. Não façamos de nossas vidas ruídos e agitações, pois podemos perturbar o Menino, além de afastar de nós delicada Presença Divina, que somente encontra entrada em nossas almas através das pegadas do reverente silêncio interior. Não devemos continuar preferindo a companhia dos homens à companhia inefável do Filho de Deus.

## A intimidade do Cristo

"Podeis beber o cálice que hei de beber?" (Mt 20, 21).

Para melhor penetrar nas profundezas do mistério da Regeneração e da Redenção do homem, é preciso falar da intimidade do Cristo ou da amizade que Ele tem por certas almas mais fiéis e mais generosas. Entre essas almas, uma é chamada no Evangelho por essas simples palavras: "O discípulo que Jesus amava". Se queremos compreender o valor da amizade do Salvador, seu princípio, seu motivo, sua ternura, sua força, seus dons inestimáveis, contemplemos aquela que Ele teve por São João.

O mais amado de todos os apóstolos devia ser bem perfeito, para que Nosso Senhor experimentasse tal agrado por ele; sua pureza O encantava. Não era, no entanto, a perfeição de João que atraía o amor de Jesus; ela foi, ao contrário, o efeito, o resultado deste amor que encontrou agrado e realização nessa perfeição, como o artista agrada-se com uma obra bem feita. O amor de Jesus por nossas almas não pressupõe a amabilidade em nós, mas Ele a põe em nós, Ele a cria e aumenta, assemelhando-nos a Ele. Detendo-se sobre nós, o amor divino produz em nós a vida da graça, e Ele não cessa de fazê-la crescer, se não lhe opomos obstáculos.

### **A Amizade entre Jesus Cristo e São João Evangelista, modelo de nossa configuração ao Cristo.**

Vejamos como Nosso Senhor, pela sua amizade, tornou São João cada vez mais parecido com Ele mesmo. Podemos verificar que o Salvador deu ao discípulo bem amado três dons:

- Sua cruz
- Sua mãe, a Beatíssima Virgem
- Seu coração

Parece preferível seguir a ordem inversa, a ordem temporal, pois é a ordem cronológica que aparece nos Evangelhos, pois ela mostra melhor o progresso da vida da graça em São João, e como o discípulo bem amado penetrou cada vez mais na intimidade de Cristo. Na Ceia, Jesus lhe deu seu coração; pouco depois, morrendo, deu-lhe sua Mãe; e em seguida, para fecundar seu ministério, Ele lhe deu sua Cruz.

### **O Coração Flamejante**

Na última Ceia Jesus dá a São João seu Coração.

Todos os apóstolos, nesse momento, são ordenados presbíteros, recebem o caráter sacerdotal e, também, a Santa Comunhão. Mas João se aproxima mais do coração do Mestre, repousa sua cabeça sobre o peito sagrado do Salvador. Assim como à mulher pecadora é permitido ungi e enxugar os pés de Cristo com seus cabelos, unindo sua cabeça aos pés de Jesus, a João é permitido penetrar com as forças mais nobres da inteligência e entendimento humano nos recônditos do coração do Verbo encarnado. A partir deste momento, o Coração de Cristo para a ser o regente ou a coroa que encima e governa todas as ações do discípulo amado. Fazer dos propósitos mais íntimos de Jesus Cristo uma realidade na terra, passa a ser o norte de João. Pois, neste estado, ele é toda obediência à Vontade do Verbo encarnado, ao ouvir (ab-audire, obediência) e escutar (atender) a Vida que pulsa no Coração todo misericordioso do Homem-Deus.

No momento da instituição do sacramento que tem por fim aumentar em nós o amor de Deus, Nosso Senhor quis que um dos seus apóstolos privilegiados sentisse mais vivamente as batidas de

seu Coração, que não cessaria agora em diante de viver na Eucaristia, para a consolação e regeneração perfeita das almas.

Que graça interior recebeu então São João? Pode-se concebê-lo lembrando que do corpo de Jesus saía uma graça que vivificava os corações. Certamente, João recebeu então uma graça de luz e de amor: conheceu experimentalmente que o Coração do Salvador só vive por amor de Deus e das almas, compreendeu como a Eucaristia é, aqui embaixo, a grande manifestação desse amor e, sob aparências muito humildes, a própria vida de Deus sempre presente entre nós. Predestinado de toda a eternidade a ser o grande doutor da Caridade, João vem beber a caridade na sua fonte mesmo, e receber a inspiração das palavras que os fiéis esperarão santamente até o fim dos tempos. Para melhor falar do amor do Salvador por nós, ele vem sentir de perto o ardor desse Fogo espiritual que queima sem destruir e que quer nos transformar n'Ele.

Como São Paulo se lembra, ao escrever, que foi elevado ao terceiro céu, São João se recorda que ele repousou sobre o Coração do Mestre. E como falou a águia dos Evangelistas! Ele vincula toda a doutrina cristã a esses pontos fundamentais: Deus é luz e amor. Ele é que, primeiro e gratuitamente, nos amou; nosso amor deve ser uma resposta àquele que Ele nos mostrou, e a Caridade fraterna deve ser o grande sinal de nosso amor a Deus. O próprio São João resume isto escrevendo na sua primeira Epístola (4, 7-16): "Meus bem-amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus e todo aquele que ama nasceu de Deus, e conhece Deus. Aquele que não ama não conheceu a Deus, porque **Deus é amor**. Ele manifestou seu amor por nós enviando seu Filho único ao mundo, para que nós vivamos por Ele. E este amor consiste em que **não fomos nós que amamos a Deus, mas ele que nos amou e que enviou seu Filho como vítima de propiciação por nossos pecados**. Meus bem-amados, se Deus nos amou assim, devemos também amarmo-nos uns aos outros... Deus é amor; e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele".

É, em resumo, toda lei moral e espiritual cristã reduzida a seu princípio: o amor de Deus e do próximo, a caridade que deve inspirar e animar todas as virtudes. "Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos nossos irmãos" (1 Jo 3, 14). É o grande sinal do amor de Deus.

O que João recebeu, o Coração Flamejante do Mestre, nós o receberemos também. Na Comunhão, podemos receber todos os dias o Coração Eucarístico de Jesus. E se o recebemos, se Nele cremos, devemos imitá-lo. O Coração do Salvador se abre a todos os fiéis, Nele somos todos reunidos, para sermos consumados na unidade. Ele não descarta ninguém.

Para entrar na intimidade de Cristo, é preciso também, a seu exemplo, ter um coração que não exclua ninguém, que esqueça os defeitos do próximo, um coração sensível aos sofrimentos do outro, um coração generoso ou magnânimo, que não retenha nada só para si, que dê sua vida aos outros e a possua, no entanto, melhor. Lembremo-nos de que os bens de Deus se multiplicarão tanto mais quanto os dividirmos com nossos irmãos; não se perde a verdade, a bondade, quando as damos: nós as possuímos mais e santamente.

Alegremo-nos também de ver no próximo o que nos falta; longe de nos deixar levar pela inveja, agrademo-nos com suas qualidades, que são nossas em um sentido, pois que somos um no Corpo Místico do Cristo. A mão pode se alegrar com o que o olho vê. A caridade enriquece assim nossa pobreza; ela nos dá todos os bens comuns; faz nossos em certo sentido todos os dons do Corpo Místico do Salvador, e nos faz participar desde já em certa medida de todos os bens da Cidade de Deus.

Os segredos do Coração Flamejante atuando na vida do amigo do Cristo nos foi depois exemplificado e vivido de forma altruística e magnânima por um outro "joão", São João Bosco, que no século XIX, um santo de sétima morada, que, ao final de sua vida tão frutífera em obras de

Caridade pela salvação das almas dos jovens, permanecia em tão íntima união com Cristo, que praticamente não necessitava recolher-se mais em oração, pois era o Coração de Cristo que permanentemente, acordado ou dormindo, orava e o inspirava em suas ações. Uma tal vida de intimidade com Cristo derrama-se naturalmente em bênçãos para as almas e o ambiente em que o cristão vive e atua. Os dons que lhe são conferidos são sempre para uma maior glorificação da Santíssima Trindade e resgate das almas da escravidão do pecado e seu encaminhamento de volta à vida em comunhão com o Pai.

Dom Bosco possuía este espírito de penetrar no íntimo das almas e ali perceber seus pecados ocultos, mas também suas virtudes potenciais, e tal qual jardineiro fidelíssimo à sua missão, conduzir seus protegidos e discípulos à retificação interior e ao desejo ardente de crescer mais na virtude. O Coração Flamejante ativo na vida de uma alma encarnada, tal como vemos em Dom Bosco e em muitos outros Santos e Santas, permite com que a Vontade do Pai se realize em nós, que a missão de nossa alma de fato se manifeste ativamente na terra, pois as algemas dos sentidos e da materialidade são afrouxadas e a alma já pode se movimentar com mais liberdade neste mundo de exílio e provação, recobrando parte dos atributos de sua semelhança divina, semelhança esta parcialmente deformada com a Queda.

### **A Beatíssima Virgem Maria**

Porém, para entrar mais ainda na intimidade de Cristo, é preciso ser da escola de Maria, que mais que nenhuma criatura penetrou nesse Santuário. Por isso, Jesus, no momento em que ía morrer, confiou sua Mãe a São João.

Entre todos os apóstolos, só João está ao pé da cruz. Ele lá está, o coração triturado, testemunha de todas as torturas físicas e morais do Mestre. Jesus o atraiu invisivelmente ao pé da Cruz, para fazê-lo ouvir (ab-audire, obedecer) suas últimas palavras e para lhe dar uma última prova de seu amor.

Aqueles que vão morrer deixam aos que lhes são mais caros um testemunho de afeição, um testamento, uma herança, o mais expressivo possível. No momento de morrer, o que deixará Jesus a São João? Ele não tem mais nada; está despojado de tudo, abandonado por todos. Parece mesmo repellido por Seu Pai, quando, vítima em nosso lugar, diz a primeira palavra do Salmo: "Meu Deus, Meu Deus, por que me abandonaste?" Nessa completa nudez, o que deixará Jesus a São João?

Deixa-lhe uma lembrança viva, a alma Santíssima que Ele quis mais que todas as outras juntas. Ele lhe deixa Maria: "Filho, diz Ele, eis vossa Mãe", e a Maria: "Mulher, eis vosso filho" (Jo 19, 27). "E depois dessa hora, diz o quarto Evangelho, o discípulo a levou para sua casa". Mais do que a casa onde de fato o Amado João poderia ter levado a Santíssima Virgem consigo, esta palavra assinala que João já possuía internamente em sua alma a habitação ou templo vivo onde a presença da Virgem poderia habitar e ali gerar o Cristo.

Se o contato do Coração de Jesus na última Ceia vivificou espiritualmente o coração de João, esta palavra do Salvador, dita do alto da Cruz, produz, como uma palavra sacramental, o que ela significa. É dita por Aquele que vai morrer, mas que é ainda bastante forte para tocar os corações e os enriquecer como lhe agrada.

Esta palavra criou, entre Maria e João, por assim dizer, um laço espiritual muito íntimo, análogo àquele que une Jesus à Sua Santa Mãe. Ela deu a Maria uma afeição toda maternal e muito profunda que cobrirá de agora em diante a alma de João, e ao discípulo uma ternura toda filial e respeitosa que faz dele verdadeiramente o filho espiritual de Maria. Esta filiação e este vínculo podem ser extensivos a todos nós que desejamos tornarmo-nos íntimos do Senhor.

Nesta hora de agonia, esta palavra do Cristo moribundo entra no fundo de suas almas como um bálsamo para suavizar seus sofrimentos e acalmar os ferimentos de seus corações. Foi uma imensa consolação para São João, e também para Maria, por que Ela, que via as almas, descobriu no discípulo bem-amado, o que ele mesmo não via, a imagem viva do Salvador, *alter Christus*, imagem que Maria foi encarregada de aperfeiçoar, de tornar cada vez mais semelhante ao Divino Modelo. Tal como em João, em nós a Beatíssima Virgem tem esta sagrada tarefa de nos auxiliar em nossa configuração e conformação ao Cristo.

Assim, muitas vezes na história das almas, quando Jesus parece se retirar para provar a confiança de seus amigos, Ele lhes deixa sua Santa Mãe, confia-os a Maria.

Não se saberia dizer tudo o que São João recebeu da Virgem. Se as conversas de Santo Agostinho e de Santa Mônica em Ostia foram tão elevadas, o que pensar daquelas de Maria e de São João?

Pela plenitude da graça que ela tinha recebido, a Mãe de Deus era superior aos Anjos; seu coração queimava de uma Caridade cuja intensidade a arrebatava sobre a de todos os santos reunidos; esta viva chama não cessava um instante de se elevar a Deus, mesmo durante seu sono, onde se verificava a palavra do Cântico (5, 2): "Eu durmo, mas meu coração vigia".

Em semelhante intimidade sobrenatural, quanto deve ter crescido também a caridade de São João, sobretudo quando celebrava a Santa Missa em presença de Maria, em suas intenções, e lhe dava a comunhão! Não sabia ele que a Virgem lhe era incomparavelmente superior pela compreensão do Sacrifício do Altar que perpetua em substância Aquele da Cruz? Maria não tinha o caráter sacerdotal e não podia consagrar, mas Ela tinha recebido a plenitude do espírito do sacerdócio, que é o espírito do Cristo Redentor. Mediadora universal e Corredentora, ela não cessava de elevar a Deus a alma do apóstolo que se encantou, assim, pela vida escondida e se tornou o modelo dos contemplativos. Maria, assim, tem um papel fundamental e indispensável para todos aqueles que possuem a missão de sacerdotes de Cristo Jesus na terra, pois ela os auxilia a penetrar nos segredos do Sacrifício da Redenção de forma mais pura e direta.

É a pureza que tinha preparado São João para viver na intimidade de Cristo; é ela que o qualificou para herdar o amor de Cristo por Maria, que foi profundamente sua verdadeira Mãe espiritual. Daí, a obra de purificação ser tão enfatizada e estimulada em todos que trabalham por seu aperfeiçoamento espiritual e buscam a Regeneração interior.

Seguindo o exemplo de São João, ponhamo-nos sob a direção imediata da Virgem, como nos convidava S. Luís Maria Grignon de Montfort, autor do Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem, que não era um "joão", mas nasceu de pais chamados João e Joana. Ela é nossa mediadora aos pés de Cristo, como Ele mesmo é nosso mediador aos pés de Seu Pai. Ela será nosso conselho e nossa força, nossa defesa contra o demônio; aumentará o valor de nossos méritos oferecendo-os, ela mesma, a seu Filho. Abandonemos a Maria o valor satisfatório e impetratório de nossas ações, de nossas lutas, de nossas orações para que ela consiga com isso, segundo seu agrado, benefícios para as almas que têm mais necessidade. Despojarmo-nos assim será nos enriquecer.

Sob a direção de Maria, caminharemos mais seguramente pela via traçada pelo Verbo, que lhe obedeceu sobre a terra; corremos assim pela via dos mandamentos de Deus, porque recebemos a graça que dilata o coração, pois a bem-aventurança da Virgem nos ensinará mil coisas por suas inspirações, como um boa mãe entrega a seu filho, com um simples olhar, sem ruído de palavras, o tesouro de sua vida interior. Com ela e na sua intimidade faremos mais progresso em alguns dias do que durante anos de trabalho pessoal cumprido longe dela. Assim fala São Luiz Grignon de Montfort, verdadeiro filho espiritual de Maria, como foi São João.

## A Cruz

Nosso Senhor deu a São João seu Coração e sua Mãe, que lhe dará ainda para fecundar seu ministério apostólico? Ele lhe dará sua Cruz e progressivamente o fará compreender qual é o seu valor inestimável.

A amizade de Jesus não tem só doçuras e complacências; ela é tão forte quanto terna, tende a purificar pela provação e a se associar às almas no mistério da Redenção pelo sofrimento.

Os apóstolos não compreenderam tudo de início. Como Jesus falava da fundação do Reino de Deus, os apóstolos se perguntavam um dia quem dentre eles seria o maior nesse Reino. Então, como conta São Mateus (18, 3), "Jesus, tomando uma criança, colocou-a no meio deles e lhes disse: Eu vos digo, em verdade, se vós não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, não entrareis de modo algum no Reino dos Céus". Muitas vezes também o Mestre havia dito: "Se alguém quiser vir atrás de mim, que renuncie a si mesmo, carregue a sua cruz e me siga". (Mateus, 16, 24). Mas os apóstolos não compreendiam ainda todo o sentido dessa palavra: a cruz. Eles não podiam imaginar que Jesus seria crucificado embora Ele o houvesse predito para eles várias vezes.

Um dia, subindo a Jerusalém com eles, Nosso Senhor renova a profecia da sua Paixão, de sua Crucificação, de sua Ressurreição; Ele queria gravá-la mais profundamente no espírito de João e de seu irmão, Thiago. Nesse momento, a mãe destes se aproxima de Jesus e se prosterna como para pedir alguma coisa. Como o conta São Mateus (20, 21), Jesus lhe diz: "O que queres?" Ela responde: "Ordene que meus dois filhos que aqui estão se sentem um à Vossa direita, outro à Vossa esquerda, no Vosso Reino". Jesus diz-lhes: "Vós não sabeis o que pedis. Podereis beber do cálice que Eu hei de beber?" — "Podemos", lhe dizem eles. Ele lhes responde: "Vós bebereis com efeito do meu cálice, quanto a estardes sentado à minha direita ou à minha esquerda, não cabe a mim vo-lo conceder, mas será para aqueles para quem meu Pai o preparou". Desde esse dia, Jesus deu sua Cruz a seu discípulo bem-amado.

Essa palavra do Salvador, como as duas outras ditas a São João, produziu na alma do discípulo o que ela significava. Mais uma vez o Verbo atuava profundamente e seu ser por meio da Palavra de Deus encarnada, o Cristo Jesus. A partir desse instante, João não procurou mais ser o primeiro; começou a amar o sofrimento, a humildade e este amor não cessaram de crescer em seu coração sob a influência da graça.

Jesus o tornou cada vez mais semelhante a Ele; ora, Ele veio para sofrer como vítima da salvação, para nos salvar pela Sua agonia mais que pelos seus discursos. Ele unirá então, cada vez mais, São João à sua vida laboriosa e crucificada. Quando Jesus entra em algum lugar, Ele ali entra com sua cruz e seus espinhos, ou melhor, Ele se aproxima com Suas chagas e Ele concede parte nisso àqueles que O amam. Ora, João é seu apóstolo bem-amado, Ele lhe faz então presente desta enorme graça que é o amor da Cruz.

João cria de início que, para ter um lugar escolhido no Reino do Filho de Deus, era preciso estar sentado à sua direita e revestido de sua glória. Ele vai aprender, porém, que se entra profundamente no Reino, desde aqui embaixo, pelo sofrimento. Ele saberá como a provação nos torna clarividentes para contemplar Jesus nas almas. A aflição lhe abrirá os olhos interiores, João compreenderá o sentido profundo da mais alta das bem-aventuranças, a mais surpreendente para a razão humana: "Bem-aventurados aqueles que sofrem perseguição pela justiça, porque é deles o Reino dos Céus". Ele é deles desde aqui embaixo, no meio mesmo da perseguição, pela paz profunda que Jesus lhes dá.

Mais tarde um outro "joão", São João da Cruz, vivencia esta *Mortificatio* da Crucificação por meio

da noite escura dos sentidos e da noite escura da alma, oferecendo ao homem um itinerário deste processo de viver este sofrimento que nos purifica e nos transforma interiormente, permitindo que o sacrifício do Gólgota se faça em nós.

Qual foi a cruz de João? Vendo as coisas de fora, parece que, de todos os apóstolos, ele tenha tido a mais leve. Só ele não foi morto nos sofrimentos do martírio. Sofreu, no entanto, a perseguição, sob Domiciano; foi mergulhado, em Roma, num banho de óleo fervendo. Mas este óleo se transformou em orvalho, ele saiu dali refrescado e purificado. Foi em seguida exilado para Patmos, onde Nosso Senhor glorificado lhe apareceu e lhe revelou seus segredos, ordenando-lhe que os escrevesse nesse livro, o mais misterioso de todos os livros sagrados, o Apocalipse.

Vendo as coisas de fora, a cruz de São João parece ter sido mais leve que a dos outros apóstolos. Mas a cruz de São João foi a maior de todas no interior. Consideremos o mistério, as duas cruzes de Nosso Salvador. Uma se vê no calvário, e ela parece a mais dolorosa; a outra é aquela que Ele levou durante todo o curso de sua vida, é a mais penosa. Jesus diz várias vezes a Santa Catarina de Sena, **esta cruz interior é aquela do desejo da salvação das almas**, desejo combatido pelo espírito do mal, pelo espírito do mundo, pela cobiça que arrasta milhares de almas para sua perda. Na vida de Jesus segue-se o progresso da malícia daqueles que se encarniçam contra Ele, o que torna mais ardente a sede da salvação das almas que O queima e O consome. O martírio do coração é muitas vezes mais doloroso que o outro e pode durar, não somente algumas horas, mas longos anos.

É, sobretudo, esta cruz interior do desejo da glória de Deus e da salvação das almas que Jesus deu a São João. Ela não atingia, pois, os sentidos, mas estava impressa por Deus no fundo da alma com o vivo desejo da salvação dos pecadores. Para tornar o apóstolo capaz de carregar esta cruz interior, Jesus lhe inspirava o amor dos sofrimentos, que avivava o desejo, mas acalmando-o e impedia a alma de repousar fora de Deus. O mesmo acontece a certas almas chamadas à santidade: se se detêm de um modo natural demais numa satisfação que vem das criaturas, logo Nosso Senhor derrama sobre tal satisfação uma gota de amargura; e esta amargura ultrapassa em muito o prazer experimentado; é uma graça crucificante e purificadora.

Enfim, a cruz interior para São João veio, sobretudo, das heresias que mutilaram a Santa Igreja negando a divindade de Jesus. Quanto esta negação deve ter torturado o coração daquele que escreveu o quarto Evangelho, que tinha por finalidade mostrar o Verbo feito carne em toda sua glória! Esta cruz interior vinha também das divisões que se produziram na Igreja nascente, para grande detrimento da caridade.

Assim, o apóstolo, com oitenta anos, fazia-se levar pelos seus discípulos à Igreja de Éfeso e, não podendo mais pregar longamente, dizia: "**Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros**". Ele que, na sua juventude, por causa do seu ardor, tinha sido chamado por Nosso Senhor, junto com seus irmãos, **boanerges**, filhos do trovão, ele não sabia mais falar a não ser da caridade fraterna, o grande sinal do amor de Deus. João não tinha perdido nada do seu ardor, da sua sede de justiça, mas esta estava espiritualizada e era acompanhada de uma grande doçura. E como os ouvintes lhe perguntavam por que ele repetia sempre a mesma coisa, João respondia: "É o preceito do Senhor e se vós o cumprirdes, é suficiente".

Tal foi a cruz de João, sobretudo interior. O Senhor no-la dá também.

### Conclusão

Há três espécies de cruz: aquelas que ficam inúteis como a do mau ladrão; aquelas que se carrega para reparar as próprias faltas e para merecer a salvação, como a do bom ladrão; e aquelas que fazem pensar na Cruz do Salvador, e que se carrega para trabalhar com Ele para a salvação das



almas. A cruz bem carregada nos carrega por sua vez; ela abre os olhos e conduz à contemplação, a ver Deus escondido nas almas. Se ela nos parece por vezes bem pesada, peçamos ao Salvador dar-nos o amor do sofrimento, orientar-nos, pelo menos, neste caminho.

É o que Ele quer, pois que nos deu Seu Coração, o qual é um coração sofrido. Ele nos deu também Sua Mãe, e uma das maiores graças que Nossa Senhora das Dores possa nos obter é a de saborear a cruz que o Senhor nos impôs para nos purificar e nos fazer trabalhar para a salvação das almas. Isto é verdadeiramente entrar na intimidade de Cristo e participar de sua vida escondida e dolorosa antes de termos parte na sua vida gloriosa, que o Céu. Assim, poderemos saborear (saber e sabor, sabedoria) da amizade de Cristo, de tê-Lo como companheiro (aquele que conosco divide o pão da vida) em todo tempo e lugar.

**FIM**